

Candidato jovem diz que ainda tem fôlego

Orgulhoso de ser o candidato mais jovem ao Senado por Brasília, o economista João Leal Neto — 35 anos e ex-professor de judô — garante que tem ainda muito fôlego para tentar, nesta reta final, reverter os resultados das pesquisas de opinião, até agora desfavoráveis à sua candidatura. Para reverter esta desconfortável posição, ele conta, principalmente com o grande número de indecisos entre o eleitorado brasileiro. "Eu entrei para ganhar e estou muito entusiasmado", confessa.

Trabalhando basicamente em cima da conquista do eleitorado jovem, Leal lamenta, entretanto, que uma das únicas decepções que sofreu durante esta fase de campanha, foi justamente com os jovens. "Ao invés de compartilharem com nossa luta, com nossas idéias, eles já estão contaminados pelo processo de pedir coisas em troca", diz.

Candidato por um partido recém criado, o Partido Socialista, João Leal diz ainda que está incrédulo com o nível da campanha em Brasília e que as promessas são tão absurdas, que os palanques muitas vezes têm se transformado em palco. O baixo nível de qualificação revelado pela maioria dos candidatos no horário de propaganda gratuita na TV, também tem preocupado João Leal e ele diz que isso acaba prejudicando a campanha de todos os candidatos.

— Como que está a receptividade do povo nas ruas a um candidato do Partido Socialista, um conceito de política novo em termos de Brasil?

— A receptividade é excelente, inclusive, eles não questionam e não tocam no aspecto do mito do socialismo, porque eles entendem que o nosso trabalho é de justiça social e hoje todo o povo brasileiro, sem exceção, está ansioso para que exista realmente justiça social, sob pena da gente entrar em um fracasso a nível de justiça de uma maneira geral. Nós temos hoje uma economia que cresce bastante, em compensação nós temos um povo cada dia mais pobre, mais desgastado e mais sem condições de sobrevivência.

— As pessoas questionam que tipo de socialismo seria buscado, se seria realmente viável, na prática?

— Na realidade eles identificam o Socialismo, na prática, como um trabalho voltado para a área social. Não é tomar nada de ninguém ou tentar entrar na iniciativa privada, mas apenas tentar diminuir as diferenças que existem na sociedade, para que exista um pouco mais de consciência do que significa lucro, para que os lucros também sejam um núcleo de crescimento do próprio bem estar de toda a sociedade.

— Se eleitos candidatos do PS ou PCs, qual seria o caminho a ser trilhado no Congresso Nacional para se chegar ao Socialismo no Brasil?

— Em primeiro lugar vem o problema da necessidade de conscientização. Temos de tentar transmitir a idéia de que uma sociedade para viver de forma digna, é necessário que todos participem do processo de distribuição de renda, que participem dos mecanismos de Estado que são oferecidos à população e que já existem, mas que precisam ser melhor gerenciados. Na realidade nós estamos trabalhando com os



João Leal

pés no chão, mas com a cabeça muito acima das nuvens. Nós temos que utilizar tudo aquilo que já existe em termos de mecanismos sociais e colocá-los a serviço da população, isto é o que precisa ser feito de imediato. O que estamos precisando agora é de dignidade, de honestidade, de responsabilidade, de externar à sociedade que temos e de como podemos corrigir isso.

— E os políticos engajados nos partidos tradicionais, eles têm ainda preconceitos em relação a estes novos partidos?

— Não. Eu acho que eles não têm mais este tipo de preconceito por que já existe uma linguagem bastante aberta a respeito. Todos eles sabem da intenção de cada um destes novos partidos e com relação ao Socialista, todos têm idéia do que pretendemos fazer. Iremos lutar por um crescimento total, não estamos intencionando qualquer tipo de postura radical, que aliás, o próprio socialismo não aceita. A nossa luta será pelo aprofundamento da democracia, que seja realmente plena. Todos eles penso, têm consciência disso.

— Conhecendo as engrenagens viciadas do Congresso, todos os lobbies que existem no meio parlamentar em torno da não aprovação de projetos de interesse popular, mesmo assim acha que é possível se fazer alguma coisa?

— Enquanto eu tiver forças e sangue, vou lutar por estas mudanças se eleito. Precisamos ter uma maneira diferente de encarar as coisas e é por isso que estamos apelando aos eleitores que procurem ter bastante consciência na hora de votar, que depositem na urna o voto para aqueles que não têm compromissos, que não estejam amarrados com nenhum tipo de situação que depois venha a comprometer o que estamos ansiosos para conquistar, que é o equilíbrio desta nossa sociedade.

— Para que se chegue a este equilíbrio, você acha que o Congresso precisa ter sua representação política totalmente renovada?

— Não necessariamente. Existe ainda muita gente bem intencionada. Estes têm prestado uma colaboração muito importante para o aprofundamento do nosso processo democrático, inclusive na área de justiça social. O que precisamos é de reforçar a fileira daqueles que são bem intencionados, para que tenham, além da boa intenção, o poder de voto, que é o poder de decisão. Sozinho, ninguém conseguirá fazer absolutamente nada. Mas se conseguirmos formar um grupo de companheiros realmente bem intencionados, com um trabalho voltado para este lado de recuperação da sociedade brasileira, realmente teremos condições de nos orgulhar

de fazer parte da Assembleia Nacional Constituinte.

— E a propaganda eleitoral gratuita na TV, tem ajudado ou atrapalhado a conquista do eleitorado?

— Hoje nós temos sentido o aumento do número de indecisos, à medida que se aproxima o dia das eleições, por que o nível de qualificação da maioria dos candidatos tem decepcionado os eleitores. Então, o guia eleitoral hoje é um programa apagado. Isto prejudica aqueles que têm boas idéias para transmitir, prejudica principalmente aqueles que realmente estão fazendo campanha pensando na Constituinte. Neste sentido tem atrapalhado bastante.

Por outro lado não temos espaço nenhum para externarmos o que pensamos, criando, às vezes, uma grande frustração no ouvinte. Ele quer ouvir alguma coisa mais consistente em termos de plataforma de ação, mas não existe tempo para que possamos nos expressar. Como eu disse em um dos programas do PS, "tente conversar com o seu companheiro do lado sobre os problemas de segurança no Brasil, em 30 segundos", pois este é o tempo de que disponho para transmitir ao eleitorado as minhas idéias.

A que o senhor atribui o baixíssimo nível da maioria dos candidatos de Brasília?

— Oportunismo. A verdade é esta. Foi uma chance que cada um sentiu e procurou se encostar nos partidos, sem idéias próprias ou plataformas de trabalho. Tanto é que às vezes encontramos com outros candidatos que não estão dando o menor valor a esta chance de disputar as eleições de Brasília, não estão nem se desgastando emocionalmente, por que estão fazendo campanha no vai e volta. E eu acho que esta é a hora de muita responsabilidade e seriedade, por que corremos o risco de provocar uma frustração séria daqui a quatro anos. Por que o nível de promessas está sendo absurdo, o eleitor está ficando consumido e iludido por este tipo de informação.

— Esta diversidade de promessas absurdas feitas a nível regional são feitas para ludibriar o eleitor, ou os candidatos ignoram suas atribuições na Constituinte?

— Se todos os candidatos tivessem que assinar em baixo de todas as promessas que fazem e aceitassem uma punição caso não pudessem cumpri-las, talvez se tivesse uma redução de 90% no nível de promessas que estão sendo feitas não por candidatos à Constituinte, mas para candidatos a um cargo do Executivo, a governo de Estado ou vereador. Nós precisamos que o eleitor tenha consciência de que seus votados vão ter condições de fazer pelo Distrito Federal, no máximo, pressão política para que se atenda esta ou aquela área. Agora, não vamos ter condições de colocar um dedo sequer dentro do Executivo do DF.

— Você chegou a se decepcionar com alguma coisa durante sua campanha?

— Me decepcionei sim, com alguns jovens que em vez de compartilhar com nossa luta, com nossas idéias, já estão contaminados pelo processo de pedir coisas em troca, ao invés de juntar esforços para podermos levar uma luta digna.